

### **PANORAMA DA CATEQUESE, NOS 40 ANOS DO CONCÍLIO VATICANO II**

*Israel José Nery FSC*

#### ***Introdução***

A pesar da sua importância fundamental e da prioridade que ocupa na Igreja e para a Igreja<sup>1</sup>, a catequese é uma das áreas que mais sofre preconceitos, especialmente da hierarquia, de teólogos e de pastoralistas. Há causas. Algumas derivam de um catolicismo, hoje em crescimento, marcado pelo emocional, pelo devocional e pelo superficial, que dispensa estudar os fundamentos da fé. Outras são dependentes do modelo de Igreja da cristandade tão forte e arraigado, que ainda encontra sinais de vitalidade e até grupos que a queiram resgatar, e que tenta voltar a todo custo ao catecismo doutrinal, como se catequese fosse questão de catecismo.

Estes modelos de Igreja tem dificuldade em aceitar que a catequese seja processo educativo da fé, da esperança e do amor, que tem como centro Jesus Cristo, e que o fim da catequese é conduzir à comunhão com Jesus Cristo,

---

<sup>1</sup> Cf. JOÃO PAULO II, *Catechesi Tradendae*, 15: “Quanto mais a Igreja, a nível local ou universal, se mostrar capaz de dar prioridade à catequese — em relação a outras obras e iniciativas cujos resultados possam ser mais espetaculares — tanto mais encontrará na catequese o meio para a consolidação da sua vida interna como comunidade de fiéis, bem como da sua atividade externa missionária”.

pois somente ele pode conduzir-nos ao amor do Pai no Espírito, e fazer-nos partícipes da vida da Santíssima Trindade<sup>2</sup>.

Mas nós, catequistas, temos uma parte nessas causas do preconceito contra a catequese. Em geral aceitamos, com passividade, o sentido reductivo da catequese, concentrada, e quase mesmo limitada, à infância e à adolescência. Além disso, a identificamos demais com o catecismo, como algo noético, nocional, conceptual, de instrução intelectual, ensino da doutrina. E, também, colocamos demais a catequese como tarefa passageira, isto é, um cursinho rápido de preparação a algum Sacramento, especialmente os da Iniciação, com ênfase na Primeira Eucaristia e na Confirmação-Crisma, já que o Batismo é ministrado nos primeiros dias, meses ou anos após o nascimento. E podemos acrescentar, ainda, que nós, catequistas, não somos suficientemente preparados para a complexa missão que assumimos na Igreja, tanto em termos de conteúdos e vida espiritual, como de pedagogia, metodologia, comunicação, linguagem, etc.

É evidente que houve iniciativas de mudança em busca de uma significativa renovação da catequese, em termos de compreensão do seu significado, de sua importância na vida dos fiéis e da Igreja, e em termos de pedagogia e metodologia. Os movimentos bíblico, teológico, pastoral, litúrgico e catequético foram paulatinamente renovando a Igreja durante toda a primeira metade do século XX, preparando o grande acontecimento eclesial do Concílio Vaticano II<sup>3</sup>. No caso da catequese, as Semanas Internacionais de Catequese, as experiências de novos caminhos em alguns países europeus e algumas publicações, plantaram marcos nesta renovação, tanto antes como depois do Concílio.

Neste breve trabalho traçaremos um amplo panorama da catequese, a partir de alguns impulsos importantes dados pela Igreja para a renovação da catequese, com ênfase, sobretudo, ao que veio do Concílio Vaticano II e ao que no Brasil se fez e se projeta fazer.

## ***1. A Caminhada da Catequese no século XX, especialmente depois do Concílio Vaticano II***

Os discursos e documentos de nossa Igreja têm sido pródigos na valorização da catequese e alguns, com orientações bem concretas. Em começos do século XX, o Papa Pio X tomou decisões que modificaram profundamente

---

<sup>2</sup> Cf. JOÃO PAULO II, *Catecismo da Igreja Católica*, São Paulo / Petrópolis: Loyola / Vozes, Paulinas / Paulus / Ave Maria, 1998. n° 426.

<sup>3</sup> Os Documentos do Concílio foram publicados pelas editoras Vozes e Paulus. Eles estão, a partir de 2004, em um CD-ROM de Ed. Paulinas: *Documentos do Concílio Ecumênico Vaticano II*.

a catequese infantil, reforçando-a e centralizando-a na Eucaristia<sup>4</sup>. Logo em seguida, com Pio XI, foi a vez da catequese da adolescência e da juventude, por meio da Ação Católica, que no Brasil exerceu grande influência na formação de lideranças leigas<sup>5</sup>.

Mas a catequese teve também alguns mentores e acontecimentos que a mobilizaram muito na primeira metade do século XX. Citemos um que outro dado. Na Alemanha houve, na década de vinte, uma virada na pedagogia catequética a partir do Congresso de Munique em 1928, que enriqueceu o então famoso método pedagógico de Munique (de 1912): “apresentação, exposição e aplicação”, com a contribuição da escola ativa (liderada por Maria de Montessori, na Itália, Edgard Quinet, na França e Andrés Manjón, na Espanha) passando para “apresentação, exposição, atividade, aplicação”<sup>6</sup>.

Depois, Josef Jungmann, nas décadas de 40 e 50, por meio da Teologia Querigmática, revolucionou a catequese, dando-lhe um cunho mais evangelizador do que doutrinário<sup>7</sup>. Mais tarde, ele exerceu papel importante no Concílio, especialmente como um dos idealizadores da Constituição sobre a Sagrada Liturgia, *Sacrosanctum Concilium*.

Além disso, o movimento catequético internacional foi bem alimentado, nas décadas de 50 e 60, pelas Semanas Internacionais de Catequese<sup>8</sup>. Ainda na Europa, o impulso renovador da catequese veio também dos diversos Ins-

---

<sup>4</sup> PIO X, *Sacra tridentina Synodus* (decreto sobre a comunhão freqüente, 1905) e *Quam Singularis* (decreto sobre a comunhão das crianças, 1910).

<sup>5</sup> Em 1924-1925, Pe. J. Cardijn, inicia, na Bélgica, uma nova experiência com jovens trabalhadores: “organizar, no seio da Igreja Católica, a massa dos jovens trabalhadores, que, entre eles, por eles, e para eles, se atraíam, se ajudem, se sirvam uns aos outros, visando à conquista do seu destino”. Mais tarde, o papa Pio XI assumiria esta proposta de Cardijn: “Os primeiros e imediatos apóstolos dos operários não de ser os operários!” Nascia assim a JOC/Juventude Operária Católica, e com ela os movimentos leigos de Ação Católica especializada. Jovens e adultos... que, sob orientação dos bispos, levam a influência cristã para seus locais de vida e trabalho. No Brasil, frutos da Ação Católica foram a Juventude Universitária Católica (JUC), Operária (JOC), Agrária (JAC) e Estudantil (JEC). Através do método *Ver-Julgar-Agir*, buscaram caminhos para a transformação cristã da sociedade brasileira. Sob influência da Ação Católica, promoveu-se um grande trabalho de renovação litúrgica, bíblica e catequética, procurando-se atualizar e responder aos desafios do mundo. A Ação Católica, sob liderança de Dom Hélder Câmara, manteve, por vários anos, a *Revista Catequética*, criada em 1949.

<sup>6</sup> BOLAÑOS, Andrés Rosero, *Inquietudes Catequísticas hoy*, Medellín: Ed. Procuraduría de los HH. de las EE.CC., 1980.

<sup>7</sup> Cf. JUNGSMANN, Josef. A., *Katechetik, Aufgabe und Methode der Religiösen Unterweisung*. Freiburg: Herder, 1953. A edição de Catequética, em português, da Herder (São Paulo) é de 1965.

<sup>8</sup> A primeira aconteceu em Nimega, Holanda, em 1959 com o tema “Missão e Liturgia”; a segunda, em Eichstätt, Alemanha, em 1960, com o tema “Missão e Catequese”. Depois foi em Katigondo, África, em 1964, e em Manila, Filipinas, em 1967. Em 1968, em Medellín, celebrou-se a 6ª Semana Internacional de Catequese.

titutos de Catequese, destacando-se entre eles, o Instituto Superior de Catequética (ISPC) de Paris, o Instituto Lumen Vitae, de Bruxelas e o Instituto São Pio X de Salamanca (depois transferido para Madri).

E no Brasil tivemos a figura ímpar de Monsenhor Álvaro Negromonte, que dominou o cenário da catequese na década de 50, com vários manuais de catequese e com seu “método integral”<sup>9</sup>. Destacamos ainda, em começos da década de 60, o Instituto Superior de Pastoral Catequética, no Rio de Janeiro, criado e animado por ex-alunos do Instituto de Pastoral Catequética (ISPC) de Paris.

Mas fiquemos, sobretudo, nas orientações oficiais da Igreja. Sem dúvida alguma, foi no pós-concílio Vaticano II (1962-1965), que a Igreja produziu mais documentos sobre catequese. Citamos entre outros, por exemplo, o *Diretório Catequético Geral* (Congregação para o Clero, 1971) a *Catechesi Tradendae* (João Paulo II, 1980), a *Catequese Renovada, Orientações e Conteúdo* (CNBB, 1983), o *Catecismo da Igreja Católica* (João Paulo II, 1992/1997), o *Diretório Geral para a Catequese* (Congregação para o Clero, 1997), o *Compêndio do Catecismo da Igreja Católica* (2005), e o *Diretório Nacional de Catequese* (CNBB, 2005). Inclui-se aqui, ainda que seja especificamente de cunho litúrgico, o *Ritual de Iniciação Cristã dos Adultos* (RICA), que veio ajudar no cumprimento da recomendação do Concílio quanto à retomada na catequese, de modo atualizado, do modelo catequético do Catecumenato, da época dos Santos Padres.

E é preciso acrescentar, também, o capítulo sobre Catequese nas Conferências Episcopais latino-americanas, especialmente as de *Medellín* (1968), *Puebla* (1979) e *Santo Domingo* (1992). E, sem dúvida, foi e é imprescindível para a renovação da catequese o Sínodo sobre Evangelização, em 1974, do qual brotou a Exortação Apostólica *Evangelii Nuntiandi* de Paulo VI (1975), e ainda o documento *La catequesis en América Latina* (CELAM, 1984)<sup>10</sup>.

No Brasil, a CNBB, além do documento *Catequese Renovada: orientações e conteúdo* (1983)<sup>11</sup>, produziu uma série de estudos que são de grande valor para esclarecimentos e para pistas de organização da catequese. Assim, na série Estudos da CNBB<sup>12</sup>, encontramos, por exemplo: a) o n° 53 — *Textos e Manuais de Catequese*; b) o n° 55 — *Primeira Semana Brasileira de Catequese* (1

<sup>9</sup> “É o caso, entre outros, de Mons. Álvaro Negromonte, que criou e difundiu no Brasil, o chamado 'Método Integral' de catequese, o qual se propunha como objetivo formar o cristão 'íntegro, firme na fé, forte no amor e pleno de esperança'” (CNBB, *Catequese Renovada*, 22).

<sup>10</sup> A edição em português é de 1986, pelas Ed. Paulinas. Mas o texto teve nova versão em espanhol com atualizações importantes em 1999, ainda não publicada no Brasil.

<sup>11</sup> CNBB, *Catequese renovada, orientações e conteúdo* = Documentos da CNBB 26, São Paulo: Paulinas, 1983.

<sup>12</sup> A Coleção Estudos da CNBB é publicada pela Editora Paulus, São Paulo.

SBC); c) o n° 59 — *Formação de Catequistas: critérios pastorais*; d) o n° 61 — *Orientações para a Catequese da Crisma*; e) o n° 73 — *Catequese para um mundo em mudança*; f) o n° 78 — *O hoje de Deus em nosso chão*; g) o n° 80 — *Com adultos, catequese adulta*; h) o n° 82 — *O itinerário da fé na iniciação cristã de adultos*; i) o n° 84 — *Segunda Semana Brasileira de Catequese (2 SBC)*; j) o n° 86 — *Crescer na Leitura da Bíblia*. E há, ainda, o caderno *Ler a Bíblia com a Igreja hoje*<sup>13</sup>, da coleção do Projeto da CNBB “Queremos Ver Jesus, Caminho, Verdade e Vida”.

Mas ao passar dos documentos para a prática, observa-se um hiato, um abismo, que incomoda os que têm zelo pela renovação da Igreja, pois o dia-a-dia da catequese está ainda longe do que deveria ser segundo o ensino da Igreja e a necessidade dos fiéis. A começar pela própria Diocese, como o ressalta muito bem a *Catechesi Tradendae*, 63, que coloca a catequese como a principal tarefa do Bispo. No entanto, pelo que se detecta na realidade brasileira, isso ainda não acontece de modo suficiente, sobretudo ante os desafios do mundo tão plural, e ante a visível necessidade de nosso povo, quanto a uma boa iniciação cristã, formação permanente e compromisso com o Senhor, a Comunidade e o Reino de Deus.

Eis o que diz este parágrafo 63 da *Catechesi Tradendae*:

(...) que a preocupação de promover uma catequese viva e eficaz não ceda nada frente a qualquer outra preocupação seja ela qual for (...). O vosso papel principal deve ser o de suscitar e alimentar nas vossas Igrejas uma verdadeira paixão pela catequese; uma paixão, porém, que se encarne numa organização adaptada e eficaz, que empenhe na atividade as pessoas, os meios e os instrumentos e, também, os recursos financeiros necessários. Podeis ter a certeza disto: se a catequese for bem feita nas vossas Igrejas locais, tudo o mais será feito com maior facilidade.

O Papa João Paulo II usa aqui uma linguagem forte, exigente, persuasiva. Mas, pelo que se nota, continuamos sendo uma Igreja doutora em produzir excelentes documentos, porém, ao mesmo tempo, doutora em engavetá-los e em esperar que venha logo um outro. O pontificado de João Paulo II produziu uma quantidade quase inacreditável de textos. É de se perguntar, porém, se realmente chegaram à base, se tiveram algum efeito no povo católico. E mais seriamente este questionamento pode ser colocado em relação aos documentos conciliares, fundamentais para as mudanças da Igreja nestes quarenta anos de trajetória do Concílio Vaticano II (1962-1965).

Há um outro ponto delicado para a catequese. O preconceito, a que nos referimos acima, vem dificultando que a *Catequética* seja levada a sério nos Seminários, nas Faculdades de Teologia e nas Dioceses. Aliás, é bom recor-

<sup>13</sup> CNBB, *Ler a Bíblia com a Igreja: comentário didático popular à Constituição Dogmática Dei Verbum*. São Paulo: Paulinas / Paulus, 2004.

dar que a introdução da Catequética como uma disciplina nas Faculdades de Teologia foi iniciativa da imperatriz Maria Teresa de Áustria, já em 1774, como parte da Teologia Pastoral. O que, na realidade, observa-se ainda hoje, é que a resistência à formação catequética dos presbíteros, dos religiosos/as e dos leigos/as continua forte, pois são poucas as Faculdades de Teologia que têm na devida conta a Catequética.

Nestes últimos anos, algum esforço já está aparecendo para superar esta lacuna, pelo menos em termos de oferta de Manuais de Catequética para este nível formativo. Fiquemos apenas com dois casos. O de Emílio Alberich, com o livro *Catequese Evangelizadora: manual de catequética*<sup>14</sup>, e o do CELAM com o livro *Testigos y Servidores de la Palabra: Manual de Formación Catequética*<sup>15</sup>, dirigido especialmente à formação de Presbíteros.

## **2. O Concílio Vaticano II e a Catequese**

O Concílio Vaticano II, considerado um “novo Pentecostes” da Igreja Católica, desencadeou uma crescente onda renovadora de grande alcance histórico para a Igreja, tanto internamente, isto é, *ad intra ecclesiae*, quanto para fora, isto é, *ad extra ecclesiae*. E esta renovação foi decisiva para a caminhada da catequese. E isso, apesar de diversas correntes dentro da Igreja, que ou desconhecem o Concílio, ou dele fazem interpretações e aplicações que não se enquadram em sua proposta renovadora, ou simplesmente o rejeitam.

Os quatro documentos-eixo do Concílio deram à catequese uma nova visão da eclesiologia. Três deles voltados para a renovação interna da Igreja: *Lumen Gentium*, 1964 (A Igreja), *Dei Verbum*, 1965 (A Palavra de Deus) e *Sacrosanctum Concilium*, 1963 (A Sagrada Liturgia). Eles são enriquecidos com sete Decretos e Declarações que atingem mais diretamente setores da Igreja, como os bispos, presbíteros, religiosos/as, leigos/as, e apontam caminhos para a dimensão apostólica e missionária dos católicos. E nestes âmbitos todos, evidentemente a catequese é prioritária, como o revelam: *Christus Dominus* (ChD), sobre o ministério dos Bispos; *Presbyterorum Ordinis* (PO), *Optatam Totius* (OT), sobre Vida e Ministério dos Sacerdotes e a Formação Sacerdotal; *Perfectae Caritatis* (PC), sobre Vida Religiosa; *Apostolicam Actuositatem* (AA), sobre o Apostolado dos Leigos; *Orientalium Ecclesiarum* (OE), sobre as Igrejas do Oriente; *Ad Gentes* (AG), sobre a Ação Missionária da Igreja.

<sup>14</sup> ALBERICH, Emílio, *Catequese Evangelizadora: manual de catequética*, São Paulo: Salesiana, 2002.

<sup>15</sup> CELAM, *Testigos y Servidores de la Palabra: Manual de Formación Catequética*: Bogotá, 2004 (em tradução pela Paulus no decorrer de 2005).

Um daqueles documentos-eixo, a *Gaudium et Spes* (1965), que volta a Igreja para um novo modo de ver e se relacionar com o mundo, abre para a dimensão social, ecumênica e de diálogo religioso da catequese. Ele, por sua vez, recebe apoio de outros textos, levando em conta a comunicação, a liberdade, a educação, os demais cristãos e as outras religiões. São eles: Ecumenismo ou União dos Cristãos (*Unitatis Redintegratio* – UR); Meios de Comunicação Social (*Inter Mirifica* – IM); Liberdade Religiosa (*Dignitatis Humanae* – DH); Educação Cristã (*Gravissimum Educationis* – GEM); Relações da Igreja com as religiões não cristãs – Diálogo Religioso (*Nostra Aetate* – NA).

A catequese recebe forte alimentação de todos estes documentos e, ao mesmo tempo, ela subjaz a todo o ensinamento do Concílio, mas de modo especial no espírito renovador que ele motivou, estimulou e deslanchou. Levantemos, porém, rapidamente o que alguns textos conciliares falam explicitamente sobre a catequese, já que, apesar da caminhada dos quarenta anos desde o Concílio, estas orientações sejam desconhecidas por muitas lideranças da Igreja.

O Decreto conciliar *Christus Dominus* diz, no n. 14, quanto à missão do Bispo:

Sejam vigilantes no que diz respeito à instituição catequética, que visa, pela ilustração da doutrina, tornar viva, explícita e atuante a fé entre os seres humanos. Que ela seja ministrada cuidadosamente às crianças e aos adolescentes, como também aos jovens e aos adultos. Observe-se sempre o método mais apropriado, dentro da ordem ditada, menos pela conveniência da matéria do que pela índole, capacidade, idade e condição de vida dos ouvintes, sempre com base na Sagrada Escritura, na Tradição, na Liturgia, no Magistério e na vida da Igreja. Procurem fazer com que os catequistas sejam bem preparados para sua função, conhecendo plenamente a doutrina da Igreja, a psicologia e a pedagogia, tanto prática como teoricamente. Restabeleçam também, na forma mais apropriada, a instituição dos catecúmenos adultos.

E o número 44 desse mesmo *Christus Dominus* traz esta prescrição:

Elabore-se também um diretório para a instrução catequética do povo cristão, em que se trate dos princípios catequéticos fundamentais, da ordem das matérias e da confecção de livros nesse setor.

Por sua vez o Decreto *Ad Gentes*, 14, também pede a formação de catequistas:

Que o maior número de irmãos e irmãs adquiram formação de catequistas e sejam preparados para atuar cada vez mais no apostolado.

E vale colocar a citação completa de *Ad Gentes*, 17, pois é de grande importância não apenas para os países ditos de missão, no sentido específico de “além fronteiras”, *ad gentes*:

Não se deve esquecer o reconhecimento devido ao verdadeiro exército dos catequistas, homens e mulheres imbuídos do espírito apostólico, que prestam indispensável auxílio ao crescimento da fé e da Igreja nos países de missão. Em nossos dias, a missão de catequista adquire importância ímpar, tão grande é o número das multidões a serem evangelizadas e tão poucos

os clérigos. Deve-se, pois, procurar harmonizar a formação dos catequistas com o progresso cultural, para que se tornem valiosos cooperadores da ordem sacerdotal e sejam capazes de enfrentar por si mesmos as novas e grandes exigências de sua função.

Multipliquem-se, pois, as escolas diocesanas e regionais em que os futuros catequistas aprendam a doutrina católica, especialmente no que diz respeito à Bíblia e à Liturgia, sejam iniciados nos métodos catequéticos e na prática pastoral, formados na moral cristã, na religião e na santidade, a serem vividas intensamente e com continuidade. Promovam-se, além disso, cursos e encontros em que os catequistas sejam levados a rever e renovar periodicamente a prática de seu ministério, recebam alimento e fortaleçam-se espiritualmente.

Além disso, todos os que se dedicam ao trabalho catequético devem poder viver de maneira decente, ter uma remuneração adequada e usufruir dos benefícios da seguridade social. A formação e o sustento dos catequistas deveria contar com subsídios da Congregação de Propaganda Fidei, criando-se até, se necessário, um fundo para catequistas.

A Igreja reconhece com alegria o serviço indispensável que os catequistas auxiliares generosamente prestam. Presidem às orações e ensinam em suas respectivas comunidades. Onde for conveniente, numa cerimônia litúrgica especial lhes deve ser conferida a missão canônica, quando bem formados, para que desempenhem suas funções junto ao povo, com maior autoridade de fé.

E o que diz a *Ad Gentes* sobre “o Catecumenato e a iniciação cristã” em países de Missão (nº 14), tem plena validade para a Igreja inteira:

Todos os que receberam de Deus a fé, por intermédio da Igreja, devem ser admitidos ao catecumenato, segundo o rito estabelecido. Mais do que simples exposição dos dogmas e dos preceitos, o catecumenato deve ser uma iniciação a toda a vida cristã, um aproximar-se de Cristo, durante o tempo que for necessário. Sejam os catecúmenos iniciados convenientemente no mistério da salvação, na prática da vida evangélica, nas celebrações litúrgicas segundo os diversos tempos, na vida de fé, de culto e de amor, característica do povo de Deus.

Uma vez libertados do poder das trevas pelos sacramentos da iniciação cristã mortos, sepultados e ressuscitados com Cristo, recebam o Espírito de adoção dos filhos e celebrem, com todo o povo de Deus, o memorial da morte e da ressurreição do Senhor. É desejável que a liturgia da quaresma e do tempo pascal seja restaurada levando-se em conta o estado de espírito dos catecúmenos que se preparam para a celebração do mistério pascal, em cujas solenidades serão regenerados pela recepção do batismo de Cristo.

A iniciação cristã dos catecúmenos incumbe a toda a comunidade dos fiéis. Além dos catequistas e dos sacerdotes, compete especialmente aos padrinhos, ajudar os catecúmenos a entenderem, desde o início, que estão se integrando no povo de Deus. Como a vida da Igreja é apostólica, saibam os catecúmenos que devem cooperar ativamente na evangelização e na edificação da Igreja, pelo testemunho da vida e pela profissão da fé. Que se defina com clareza, no novo Código de Direito Canônico, o lugar que ocupam os catecúmenos: já pertencem à Igreja, à família de Cristo e, na maioria das vezes, vivem desde já segundo a fé, a esperança e a caridade.

Por sua vez a *Dei Verbum*, um dos mais importantes documentos do Concílio, situa, no nº 24, a catequese no ministério da Palavra, quando diz:

a palavra da Escritura santifica e alimenta igualmente todo ministério da palavra: a pregação pastoral, a catequese e a instrução cristã, na qual a homilia litúrgica desempenha um papel de grande importância.

E no nº 25, encarece a assídua freqüentação das Sagradas Escrituras:

(...) todos os clérigos, a começar pelos sacerdotes de Cristo, diáconos e catequistas, empenhados no ministério da palavra, convivam com as Escrituras, sendo assíduos na leitura e aplicados no estudo, para que não se tornem "como pregadores alheios à Palavra de Deus, que não se dedicam a ouvi-la interiormente".

A palavra de Deus, em particular na liturgia, é precisamente o manancial de tudo que precisa ser comunicado ao povo. Continua a *Dei Verbum*, ainda no nº 25:

O Concílio exorta igualmente todos os fiéis, especialmente os religiosos, a lerem com freqüência as Escrituras, para aprenderem a "eminente ciência de Jesus Cristo" (Fl 3,8). "Ignorar as Escrituras é ignorar Cristo". Procurem ir diretamente ao texto, especialmente na liturgia, composta com a Palavra de Deus, seja pela piedosa leitura, seja através de outros meios que se difundem cada vez mais em nossos dias, com a aprovação dos pastores da Igreja e graças aos seus cuidados. Lembrem-se de que a leitura da Sagrada Escritura deve ser acompanhada da oração, para que se estabeleça um colóquio entre Deus e o homem, pois com ele "falamos quando oramos e a ele ouvimos quando lemos as suas palavras".

O Documento sobre a Liturgia, a *Sacrosanctum Concilium*, no nº 35, no item *Bíblia, pregação e catequese litúrgicas*, assim se expressa:

a catequese seja feita em continuidade com a Liturgia. Nos próprios ritos, se necessário, devem-se inserir breves admoestações do sacerdote ou de outro ministro competente, a serem feitas em momentos oportunos, com palavras previamente estabelecidas, ou ditas no mesmo espírito.

E no nº 64 há uma determinação, de grande consequência para a catequese, à qual já aludimos acima:

Restaure-se o catecumenato dos adultos, em diversos níveis, de acordo com a autoridade local. As etapas do catecumenato podem ser santificadas por diversos ritos, aptos a manifestar seu espírito.

Lembremos ainda, mesmo que rapidamente, o que diz o Decreto conciliar *Gravissimum Educationis*, no nº 4:

No cumprimento de sua função educadora, a Igreja faz apelo a todos os recursos pedagógicos, especialmente aos que lhe são próprios, dentre os quais ocupa o primeiro lugar a instituição catequética, que ilu-

mina e fortifica a fé, alimenta a vida segundo o espírito de Cristo, leva à participação consciente e ativa do mistério litúrgico e desperta para a atividade apostólica.

### **3. As principais conquistas da renovação da catequese, no Brasil, depois de 1983**

Como o documento da CNBB *Catequese Renovada* (1983) é considerado o divisor de águas na história recente da catequese no Brasil, tomamo-lo como referência para situarmos as principais conquistas da renovação da catequese no Brasil no pós-Concílio. Surgido inicialmente como resposta à necessidade de renovar o conteúdo da catequese (roteiros ou temários), sua elaboração enveredou-se felizmente pela estrada da busca dos princípios e diretrizes básicas da ação catequética. E por meio do processo de ampla consulta, que durou três anos, ele foi fruto de ampla movimentação nacional, com participação das comunidades, catequistas, estudiosos e pastores. Assim, a catequese, a partir de 1983, em geral assumiu progressivamente alguns parâmetros centrais:

- a) a Bíblia como texto principal de referência para o conteúdo e o espírito da catequese;
- b) os momentos celebrativos, como fundamentais para a eficácia da catequese;
- c) o princípio metodológico de interação fé e vida, governando a pedagogia catequética;
- d) o valor e importância da comunidade de fé como ambiente e conteúdo de educação da fé.

Estes eixos asseguraram algumas **conquistas** para a catequese no Brasil. E uma síntese delas está no Diretório Nacional de Catequese (*DNC*, 2005)<sup>16</sup> e nela nos apoiamos para desenvolver a reflexão a seguir:

a) *A Catequese como processo de iniciação à vida de fé.* Há dois processos de iniciação à fé. O primeiro é litúrgico, realizado pelo sacramento fontal, o Batismo. É a iniciação ontológica, como o explicita D. Borobio em *Misión y Ministerios Laicales*<sup>17</sup>. A pessoa, consagrada à Santíssima Trindade, inicia vida nova, passa a ser templo vivo de Deus, e entre ela e Deus estabelece-se intercâmbio, diálogo, amor, comunhão. A catequese, por sua vez, vem enriquecer este início de vida nova por meio de um outro tipo de iniciação à fé, que envolve a consciência, o conhecimento, a experiência, a participação, a generosidade da pessoa.

<sup>16</sup> Enquanto escrevo este texto, o *Diretório Nacional de Catequese* ainda não está aprovado pela CNBB.

<sup>17</sup> BOROBIO, Dionisio, *Misión y Ministerios Laicales*. Salamanca: Sígueme, 2001.

Esta dinâmica da catequese como iniciação afetiva, existencial e participativa do seguidor de Jesus operou alguns deslocamentos importantes quanto ao conceito e à prática da catequese. Assim, por exemplo, na ótica da cristandade, que ainda perdura em muitos lugares, pressupõe-se que a pessoa, pelo fato de ser batizada e pertencer a uma família católica, já é convertida, faltando-lhe apenas conhecimentos religiosos, e neste caso a solução é aprender o catecismo doutrinal.

Um outro, e como consequência do anterior, consiste em uma falha na compreensão dos princípios de integridade e organicidade do conteúdo da catequese, que levou a uma carga, não apenas excessivamente doutrinal da catequese, mas, também, cada vez mais ampla em quantidade de temas. Esta situação foi agravada pelo costume, que aos poucos foi se fixando, de se ter um ponto de chegada para a catequese, em geral a recepção de um determinado sacramento. E, então, com o receio de que o fiel nunca mais teria chance de catequese, procurava-se dar a ele, e em pouco tempo, um máximo de informações e noções, até mesmo para serem decoradas. E, para não estender muito o nosso texto, recordemos apenas mais uma situação. A catequese limitada à infância e à adolescência.

O referido deslocamento, operado pela catequese de iniciação, direcionou a catequese para um modelo mais eclesial e experiencial, na busca do equilíbrio entre afeto, conhecimento e comportamento. Tanto a dimensão doutrinal, como a dimensão experiencial estão integradas no processo catequético que leva alguém a tornar-se discípulo de Jesus. Neste sentido, veio como excelente ajuda o modelo metodológico que tem como objetivo maior, exatamente, possibilitar a experiência de Deus. E aqui se evidencia que a vida litúrgica e a vida de oração tornaram-se indispensáveis na caminhada da catequese renovada. O deslocamento conduziu, ainda, para a implementação da prioridade da catequese com adultos, que, por sua vez, é de grande ajuda para a catequese com crianças, adolescentes e jovens.

*b) Processo permanente de educação da fé.* A catequese é um momento forte da *iniciação à fé*, mas é evidente que a formação cristã necessita ser prolongada pela vida inteira. Sem em nada prejudicar a atenção catequética às crianças e adolescentes, cresceu e se consolidou a consciência de se priorizar a catequese com adultos e, também, da formação permanente como natural na vida de todo cristão, mas que agora se tornou necessária e premente pelas exigências das constantes e abrangentes mudanças no mundo contemporâneo.

*c) Iniciação à vida de fé em comunidade.* Este é uma outra conquista importante da catequese. As Escrituras Sagradas revelam-nos que Deus se revela no dia-a-dia de pessoas que vivem em comunidade. “Deus quis santificar e salvar os homens não isoladamente, sem nenhuma conexão uns com os outros, mas constituiu-os num povo, que o conhecesse e o servisse santamente” (cf. LG 9). E mesmo quando Deus se revela através de um

profeta, é sempre ao povo que ele se dirige, e é sempre numa ligação vital com a comunidade que a pessoa é chamada e chega à fé em Deus (CR 38).

O mandamento novo de Jesus, a experiência das primeiras comunidades cristãs, os ensinamentos de São Paulo, deixam claro de que a Igreja é comunhão, é fraternidade, é comunidade. E neste contexto a catequese, evidentemente é concebida como uma iniciação à fé que exige tanto a dimensão pessoal, como comunitária, eclesial.

c) *Coerência com a Pedagogia de Deus.* A renovação da catequese, e não podia ser diferente, assume, com suas conseqüências, a doutrina sobre a Revelação contida na *Dei Verbum*. Busca-se aprofundar, aos poucos, a consciência de que o modo de educar a fé segue o mesmo “processo e pedagogia” que Deus usou para revelar-se, isto é, revelação progressiva através de *palavras e acontecimentos*, por dentro da vida da comunidade, o respeito pela caminhada da comunidade, o amor pelos pobres e a conseqüente paciência (em sentido bíblico) diante da liberdade e das limitações das pessoas.

e) *Catequese cristocêntrica.* A Catequese Renovada coloca, como essencial no processo de iniciação à fé, o itinerário que conduz ao centro do Evangelho (quérigma), à conversão, à opção por Jesus Cristo que nos revela o Pai, no Espírito Santo (dimensão trinitária). E, também, ao seu seguimento. Embora a catequese esteja a serviço da pessoa humana em sua situação concreta (dimensão antropológica), ela procura educar para a vivência do mistério daquele que revelou ao homem o homem novo, o novo Adão, Jesus Cristo. É uma catequese *crístológica e trinitária*, com dimensão *antropológica*.

f) *Ministério da Palavra.* É um salto qualitativo de grande alcance o fato de se passar do catecismo para a catequese, como anúncio da Palavra de Deus, a serviço da qual se coloca. Ela faz parte do ministério da Palavra, conforme nos ensina o Concílio. O verdadeiro catequista tem a convicção mística de que é *profeta* hoje, comunicando a Palavra de Deus com todo seu dinamismo e eficácia, na força do Espírito Santo. A Bíblia, na dinâmica renovadora da catequese no Brasil, por ser o *livro da fé*, é por isso mesmo o *texto principal* da catequese, o livro de catequese por excelência. E, então, o princípio metodológico da interação fé e vida, uma das grandes conquistas da Catequese Renovada, ao ser aplicado à leitura da Bíblia, impulsiona a leitura vital e orante da Palavra de Deus.

g) *O Princípio metodológico: Interação fé e vida* (cf. CR 110-117). É importante ressaltar que o conteúdo da catequese não mais se limita às formulações da fé, da doutrina. Ele compreende dois elementos que interagem: a experiência da vida e a formulação da fé. Este princípio metodológico de interação, colocado em evidência por Paulo VI na *Evangelii Nuntiandi*, 29, passou a ser lido como a recusa do excesso de teoria desligada da realidade e, ainda, do dualismo que desvaloriza as necessidades do aqui e agora, da vida terrena dos filhos de Deus.

h) *Catequese transformadora e libertadora.* A mensagem da fé, iluminando a existência humana, a partir do Princípio de Interação, ajuda a formar a consciência crítica diante das nossas situações pecaminosas pessoais, mas outrossim, das estruturas sociais injustas. A Catequese Renovada introduziu o procedimento das *ações evangélico-transformadoras* como aprofundamento das tradicionais *atividades pedagógicas*, que identificavam demais a catequese com uma aula, no estilo acadêmico, nocional. A catequese é uma ação educativa diferente, com uma pedagogia específica que tem por tarefa introduzir o cristão num itinerário de vida que comporta ações “inspiradas pela experiência de Deus na caminhada da comunidade; elas educam evangelicamente para as mudanças do ambiente que nossa fé exige e inspira”<sup>18</sup>.

i) *Catequese inculturada.* Percebeu-se que para acontecer catequese renovada era preciso valorizar e assumir os valores da cultura, a linguagem, os símbolos, a maneira de ser e de viver do povo nas suas diversas expressões culturais. Para isso a catequese no Brasil abraçou a teologia da inculturação, mesmo que o termo inculturação nem esteja explícito no documento *Catequese Renovada*. Fala-se, ali, de interação fé e vida, com vistas principalmente a aspectos sociais, políticos e econômicos. Mas não se pode esquecer que isso teve um valor enorme em direção à inculturação, pois facilitou posteriormente a compreensão da necessidade de assumir e valorizar os elementos da cultura, da linguagem, dos símbolos que fazem parte da maneira de ser e de viver do povo. E expressar o evangelho de forma relevante para a cultura passou a ser uma importante exigência metodológica da catequese. Não se trata só da cultura popular ligada mais ao ambiente rural e às vezes pré-moderno, mas também, e cada vez mais, da cultura surgida da modernidade e pós-modernidade, cujo lugar privilegiado é formado pelos grandes espaços urbanos.

j) *Catequese integrada com as outras pastorais.* Este é um ponto importante da Catequese Renovada, pois, como *dimensão*, a catequese está presente em todas as pastorais, sendo que como *atividade específica* articula-se com todas elas. A catequese respira profundamente a vida e a fé da Igreja, celebrada na liturgia, expressa na prática pastoral das comunidades e nas suas orientações e no compromisso com a construção do Reino de Deus, já aqui na história. Ela se beneficia dessa articulação ao mesmo tempo em que contribui para uma pastoral orgânica ou de conjunto.

k) *Caminho de espiritualidade.* Não pode haver Catequese Renovada sem uma atenção prioritária à vida, formação e espiritualidade do catequista. Uma conquista importante do movimento catequético nestes últimos 25 anos, refere-se à espiritualidade: ela brota da vida em Cristo, alimenta-se na ação

---

<sup>18</sup> CNBB, *Textos e Manuais de Catequese*, n° 129. Cf. n° 125-136; 189-195. Este documento aprofunda o conceito de atividades evangélico-transformadoras que têm sua origem nas práticas das CEBs.

litúrgica, e se expressa a partir da própria atividade do educador da fé, da mística daquele que está a serviço da Palavra de Deus. É uma espiritualidade bíblica, litúrgica, cristológica, trinitária, eclesial, mariana e encarnada na realidade do povo<sup>19</sup>.

l) *Opção preferencial pelos pobres*. a Igreja redescobriu os pobres não só como destinatários de sua missão, mas também como evangelizadores. Esta opção pelos pobres não é apenas um *tema* da catequese, mas uma *perspectiva geral*, que orienta concretamente objetivos, sujeitos e destinatários, conteúdo, métodos, recursos e a própria formação de catequistas. Na vivência coerente da vida de fé, que se visa com o processo catequético, está, obviamente, o engajamento do fiel em favor da justiça e da libertação e promoção dos empobrecidos.

m) *Temas e conteúdo*. O documento *Catequese Renovada* descreve em sua terceira parte os *temas fundamentais da catequese*. Trata-se de um conjunto de mensagens a ser adaptado aos destinatários quanto à seleção de temas, escolha da linguagem e da metodologia. Deseja-se principalmente que a mensagem seja vivida na caminhada da comunidade. O eixo central que permeia a apresentação da mensagem é o da *comunhão-participação* num processo comunitário de vivência da fé cristã. Posteriormente, o papa João Paulo II publicou o *Catecismo da Igreja Católica* (1992/1997), que agora tem a sua versão resumida oficial, como referência obrigatória no tocante aos conteúdos doutrinários da fé cristã católica. Como o próprio Papa orienta, é preciso que em cada lugar estes conteúdos, permanecendo fiéis à doutrina, levem em conta “as diversas situações e culturas”<sup>20</sup>.

Mas, ao longo desses anos, desde a publicação do documento *Catequese Renovada*, podemos identificar alguns **desafios** mais significativos dentre tantos que surgem na tarefa catequética:

- a) Formar o catequista como comunicador de experiências de fé, comprometido com o Senhor e sua Igreja;
- b) Fazer da Bíblia realmente o texto principal da catequese;
- c) Criar maior unidade na pastoral catequética, organizando melhor a catequese em todos os níveis (regional, diocesano, paroquial) e pondo em prática as orientações que já existem;
- d) Suscitar nos catequistas e catequizandos maior valorização da celebração litúrgica, da dimensão orante na catequese e o amor pela comunidade eclesial;

<sup>19</sup> Cf. CNBB, *Formação de Catequistas*, n° 157.

<sup>20</sup> JOÃO PAULO II, *Constituição Apostólica Fidei Depositum*: valor doutrinário do texto; cf. *Catecismo da Igreja Católica*, *op. cit.*, n° 24.

- e) Fazer com que o princípio de interação fé e vida seja assumido na atividade catequética de modo que os conteúdos respondam aos desafios do mundo atual;
- f) Assumir o processo catecumenal como modelo de toda a catequese e o conseqüente uso do *Ritual de Iniciação Cristã de Adultos (RICA)*<sup>21</sup>;
- g) Integrar na catequese as conquistas das ciências da educação, particularmente da pedagogia contemporânea;
- h) Encontrar uma linguagem da fé, que seja fiel à mensagem do Evangelho, e ao mesmo tempo compreensível, mobilizadora e relevante para as pessoas do mundo de hoje, na realidade pós-moderna, urbana e plural;
- i) Fazer com que a catequese se realize num processo comunitário, seja um processo de iniciação à vida da comunidade eclesial e que ela seja catequizadora.
- j) Incentivar a instituição do ministério da catequese;
- k) Introduzir a Catequética na formação dos futuros presbíteros e religiosos;
- l) Tornar efetiva a prioridade da catequese com adultos como resposta às novas exigências da evangelização, como pedem o número 130 de *Catequese Renovada* e a *Segunda Semana Brasileira de Catequese*;
- m) Incentivar a catequese junto às pessoas com deficiência<sup>22</sup>;
- n) Assumir na catequese a vida e os clamores dos marginalizados e dos excluídos;
- o) Motivar e estimular os catequistas e catequizandos para o compromisso missionário.

#### **4. Diretório nacional de Catequese – vislumbrando novos horizontes na renovação da catequese no Brasil**

A Igreja no Brasil conta, a partir de 2005, com um novo documento de catequese elaborado de modo participativo, ao longo de três anos. É o *Diretório Nacional de Catequese (DNC)*, que atende a um pedido do *Diretório Geral para a Catequese (DGC)* de 1997. Ele não substitui o documento *Catequese*

<sup>21</sup> CONGREGAÇÃO PARA OS SACRAMENTOS, *Ritual de Iniciação Cristã de Adultos*, São Paulo: Paulus, 2002.

<sup>22</sup> Esta é a nomenclatura oficial brasileira (cf. Comissão de Constituição, Justiça e Cidadania do Senado, Projeto de Lei nº 429 de 2003 que institui o *Estatuto da Pessoa com deficiência* e dá outras providências in *Diário Oficial do Senado Federal* de 17 de outubro de 2003, pp. 32745-32746 e ss).

*Renovada*, que é de 1983, que continua plenamente válido, mas o enriquece e complementa, levando em conta o que aconteceu na Igreja, no Brasil e no mundo desde aquela data.

Nos próximos anos, o Brasil estará mobilizado com a tarefa de conhecer e colocar em práticas as orientações do DNC e, ao mesmo tempo, de atualizar, a partir dele, o Diretório de Catequese de cada diocese. A Igreja, no Brasil, no cumprimento do mandato de Jesus “Ide fazei discípulos meus! Ensinai tudo o que vos ensinei” (Mt 28, 16-20), tem muitas iniciativas e uma delas é, agora, este DNC, como uma mediação para um novo impulso para a renovação da catequese, parte fundamental do ministério da Palavra.

Nossa Igreja está sob a égide da Nova Evangelização, que João Paulo II dizia que deve ser “nova no ardor, nova no método e nova na expressão”. No Brasil, a Igreja vem oferecendo, desde 1986, subsídios específicos e de grande valor para esta renovação do processo evangelizador. Ora, a catequese esteve sempre e continua estando em perfeita sintonia com esta caminhada renovadora de nossa Igreja.

A catequese encontra grande motivação e inspiração no Sl 78, 24: “O que nós ouvimos e conhecemos, o que nos contaram os nossos pais, não o esconderemos a nossos filhos e o contaremos à geração seguinte os louvores do Senhor e seu poder, e as suas maravilhas que realizou”. É que não podemos calar a nossa fé em Deus, nosso canto de louvor, nossa esperança, nosso amor a ele, sobre todas as coisas. E neste processo de transmitir, comunicar a fé, estamos todos envolvidos, a começar pelos pais, primeiros e principais educadores das novas gerações, primeiros e principais evangelizadores e catequistas.

Mas, ao mesmo tempo a catequese está em sintonia com o povo, a sua realidade, os seus clamores por um mundo justo e solidário. Isso porque o Deus em que cremos e bendizemos é um Deus misericórdia e libertação: “Eu vi, eu vi a miséria do meu povo... ouvi seu grito por causa dos seus opressores, eu conheço as suas angústias. Por isso desci a fim de libertá-lo...” (Ex 3, 7-8). E ele aponta novos horizontes: “Eu vi um novo céu e uma nova terra!” (Ap 21, 1). A catequese, com este Diretório, certamente dará passos significativos a mais em sua missão que é imprescindível na Igreja.

São Pedro escreve: “Deveis dar as razões de vossa esperança” (2Pd 3,15), e, obviamente, as razões da fé e do amor. Nesta mudança de civilização em que estamos mergulhados, é fundamental para a Igreja e para a missão de cristãos solidificar nossa fé, nossa esperança e nosso amor. Na verdade existimos para fazer a vontade do Pai, assim como Jesus a realizou, pois ele mesmo disse: “são minhas irmãs, meus irmãos e minha mãe quem faz a vontade de meu Pai” (Mc 3, 34-35). E a vontade do Pai é assim expressa por Paulo: “Deus quer que todas as pessoas se salvem e cheguem ao conhecimento da verdade” (1Tm 2,4). A catequese tem esta grande missão, como

parte da missão evangelizadora da Igreja, e o DNC tem como escopo dar pistas para formar e subsidiar todos os que direta e indiretamente estão envolvidos com a catequese.

Há destaques sugeridos pelo DNC, como, por exemplo, as fontes da catequese, a catequese com adultos, a formação de catequistas, a Igreja local, a pedagogia de Deus, a centralidade de Jesus Caminho, Verdade e Vida (cf. Jo 14,6), a ação do Espírito Santo, o carinho com os deficientes, o princípio metodológico da interação fé e vida (CR 113) e Maria, mãe e educadora de Jesus e da Igreja.

A catequese no Brasil recebe, em 2005, esta grande ajuda para que possa servir ainda melhor o povo, ajudando-a, assim a reafirmar e solidificar a fé e o seguimento generoso de Jesus: “Ora, a vida eterna é esta: que eles te conheçam a ti, o único Deus verdadeiro e aquele que enviaste, Jesus Cristo” (Jo 17,3). E, ao mesmo tempo, relembrar aos nossos pastores esta forte orientação de João Paulo II:

O vosso papel principal deve ser o de suscitar e alimentar, em vossas Igrejas, uma verdadeira paixão pela catequese; uma paixão, porém, que se encarne numa organização adaptada e eficaz, que empenhe na atividade as pessoas, os meios e os instrumentos e, também, os recursos financeiros. Podeis ter a certeza disto: se a catequese for bem feita nas vossas Igrejas Locais, tudo o mais será feito com maior facilidade (CT 63).

**Israel José Nery FSC**, estudou Filosofia e Teologia na Universidade Lateranense, Roma, 1964, é membro da Congregação dos Irmãos de La Salle. Atua com Catequese, Vida Consagrada e Educação. É presidente da Sociedade de Catequetas Latino-americanas (SCALA) e membro da Diretoria da Província Lassalista de São Paulo. Foi Assessor, na CNBB, para Catequese e para Educação. É escritor e conferencista.

**Endereço:** R. Santo Alexandre, 93  
03542-100 São Paulo — SP  
e-mail: irnery@yahoo.com.br

# Coleção Bíblica Loyola

A Coleção Bíblica Loyola, sob responsabilidade da Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia de Belo Horizonte, publica estudos, comentários e subsídios bíblicos de nível científico internacional, seja traduzidos, seja produzidos por biblistas nacionais.

## Títulos mais recentes:

11. **Cântico dos Cânticos** (L. I. Stadelmann)
12. **Metodologia do Novo Testamento** (W. Egger)
13. **Leitura do Evangelho segundo João I** (X. Léon-Dufour)
14. **Leitura do Evangelho segundo João II** (X. Léon-Dufour)
15. **Leitura do Evangelho segundo João III** (X. Léon-Dufour)
16. **Leitura do Evangelho segundo João IV** (X. Léon-Dufour)
17. **Jesus e o mundo do judaísmo** (G. Vermes)
18. **A Galiléia, Jesus e os Evangelhos** (S. Freyne)
19. **As duas fases da pregação de Paulo** (M. Pesce)
20. **O Evangelho de Mateus e o judaísmo formativo** (J. A. Overman)
21. **A Bíblia na Igreja** (J. A. Fitzmyer)
22. **O pensamento do templo - de Jerusalém a Qumran** (F. Schmidt)
23. **As formas literárias do Novo Testamento** (K. Berger)
24. **Procurais o Jesus histórico?** (R. Zuurmond)
25. **Sabedoria e sábios em Israel** (J. Vilchez Líndez)
26. **Mulher e homem em Paulo** (N. Baumert)
27. **A evolução do pensamento paulino** (U. Schnelle)
28. **Metodologia do Antigo Testamento** (H. Simian-Yofre [org.])
29. **A mensagem do Reino** (R. A. Horsley e N. A. Silberman)
30. **Abraão e sua lenda: Gênesis 12,1-25,11** (W. Vogels)
31. **Israel e seu Deus:** (F. Gradl e F. J. Stendebach)
32. **Sacrifício e culto no Israel do Antigo Testamento** (Ina Willi-Plein)
33. **O Jesus Histórico: um manual** (Gerd Theissen / Annete Merz)
34. **A Tríade: fé, esperança e amor em Paulo** (Thomas Söding)
35. **A Primeira história do Cristianismo** (Daniel Marguerat)
36. **Introdução ao Antigo Testamento** (Erich Zenger et al.)
37. **Introdução à leitura do Pentateuco** (Jean-Louis Ska)
38. **A "fórmula da aliança"** (Rolf Rendtorff)
39. **As parábolas de Jesus em Marcos e Mateus** (Michel Gourgues)
40. **A invenção de Cristo** (Maurice Sachot)
41. **As origens da Bíblia** (John W. Miller)
42. **Naquele tempo... Concepções e práticas do tempo** (M. Gourgues e M. Talbot)
43. **Introdução à exegese do Novo Testamento** (U. Schnelle)
44. **A encarnação do Filho de Deus** (Ulrich B. Müller)

Edições Loyola — Cx. P. 42.355 - CEP 04299-970 São Paulo  
e-mail: vendas@loyola.com.br